

A CONSTRUÇÃO/RECONSTRUÇÃO DO ANEL COMO OBJETO DE DISCURSO: A RECATEGORIZAÇÃO DO PODER NO FILME *O SENHOR DOS ANÉIS: A SOCIEDADE DO ANEL*

Éverton de Jesus Santos¹ (UFS)

evertonufs2010@hotmail.com

Nicaelle Viturino dos Santos de Jesus² (UFS)

nicaelleviturino@yahoo.com.br

1. Introdução

O presente artigo consiste em uma proposta de análise acerca de como o poder é evidenciado no filme *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*, o primeiro baseado na trilogia de Tolkien, tendo em vista o objeto que o simboliza, qual seja, o cobiçado Anel do Poder. O trabalho está circunscrito à Linguística de Texto, cujo foco de análise circunscreve-se, aqui, aos processos referenciais, mais especificamente a categorização/recategorização. A respeito da primeira, pode-se dizer que ela é uma atividade discursiva em que os interactantes operam sobre o material linguístico, de modo que a realidade é construída, mantida ou alterada pela forma como interagem, sociocognitivamente, com/no mundo (KOCH, 2005, p. 33-4). Desse modo, nos processos referenciais, o sujeito seleciona e/ou escolhe entre uma multiplicidade de formas de caracterizar o referente. Tudo isso, por sua vez, nos leva a considerar que tais processos estão propícios a revelar a orientação argumentativa, bem como a perspectiva adotada pelo enunciador do texto.

Sob este viés, os objetos de discurso são entendidos como entidades construídas no âmago da interação discursiva, que podem sofrer modificações (sendo modificados ou expandidos) dentro do esquema de ativação e reativação de referentes no texto. A esse processo, chama-se recategorização referencial (SILVA; FILHO, 2013, p. 61).

Partindo, pois, de tais pressupostos teóricos, resolvemos selecionar o filme *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel* como *corpus* analítico, para que pudéssemos descrever e analisar a presença dos dois mecanismos anteriormente citados. A trama fílmica – adaptação do romance homônimo – se desenvolve em meio a mitos e lendas, num mundo fantástico. A película cinematográfica em questão trata da formação de uma demanda, composta por seres distintos (elfos, anões, homens, hobbits, magos) que têm como desígnio impedir a propagação do mal, personificado por Sauron, o Senhor do Escuro. Assim sendo, preliminarmente, notamos que, dentre os temas evidenciados na película, pode-se destacar a disputa pelo *poder* (simbolizado pelo *Anel do Poder*), ainda que para fins distintos, entre as vertentes que direcionam o enredo: o bem, emoldurado pelos componentes da *Sociedade do Anel*; e o mal, liderado mais precisamente por Sauron.

Nossa hipótese é a de que as formas de recategorização do *Anel* como objeto de discurso se dá de maneiras diferentes por cada eixo, devido aos interesses (argumentativos) de cada grupo, isso visto já de uma perspectiva discursivo-analítica. Para tanto, na constituição do nosso aporte teórico, dispomos dos estudos de Koch (2005; 2006), Mondada e Dubois (2003), Apothéloz (2003), Silva e Filho (2013), dentre outros de igual relevância, que nos

¹ Estudante de Pós-Graduação em Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura e Cultura. Bolsista do CNPq.

² Estudante de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

embasarão no tocante à estruturação das estratégias e dos enunciados que levarão às especificidades da atualização do significado do Anel por cada grupo envolvido na trama.

Por ora, justificamos a seleção do *corpus*, qual seja o filme *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*, por se tratar de uma produção audiovisual que, conforme Nazario (2005), inaugura uma nova fase no rizoma cinematográfico. Sucesso de bilheteria e muito bem aceito perante a crítica, a película se destaca por sua grandiosidade e composição complexa, numa trama mítica que instiga reflexões concernentes com a visão atual do homem e suas relações com o imaginário e com o mundo. As obras originalmente escritas por Tolkien (1930) foram trazidas para as telas pelo diretor Peter Jackson (entre 2001 e 2013), com o lançamento, no cinema, de cinco títulos: *A Sociedade do Anel*, *As duas torres*, *O retorno do rei*, *O hobbit* e *O hobbit: a desolação de Smaug*, este último tendo estreado em 2013. Enfatiza-se, então, que a abordagem de tal objeto deve-se, outrossim, à expansão da mídia cinematográfica, por esta ser uma realidade ficcional bastante cultivada e prestigiada em nossa sociedade, e principalmente pela saga *O Senhor dos Anéis* ser uma série de narrativas – escritas e cinematográficas – que, por sua relevância – fazem parte do cânone.

Ressaltamos ainda que o nosso objeto de estudo é uma obra intersemiótica, pois é resultado de uma adaptação do texto escrito, o que, neste caso, contempla a passagem de signos linguísticos de teor literário para uma produção audiovisual. E, em decorrência disso, justificamos a metodologia adotada aqui, posto que ela é de cunho qualitativo, tendo-se em vista o objeto em análise acerca do qual, nos nossos recortes, traçaremos considerações relacionadas à (re)categorização. A seguir, apresentaremos teoricamente as categorias a serem estudadas, e posteriormente veremos como elas se coadunam com o que é retratado no filme em tela. Da intersecção entre teoria e filme, pretendemos criar um objeto analítico que contemple, ao menos panoramicamente, o conteúdo sógnico do Anel na narrativa em questão.

2. A construção de objetos de discurso e a categorização/recategorização

Adotamos, nesse trabalho, uma perspectiva construtivista da referência. Embasamos, para tanto, principalmente em Mondada e Dubois (2003) e também em Koch (2005), para quem a remissão textual, através de formas nominais referenciais constitui a construção e reconstrução de objetos de discurso. A essa movência chamamos discursivização ou textualização do mundo, em que os objetos de discurso devem ser concebidos como produtos essencialmente culturais, construídos por meio da atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes.

Entendemos que a composição do texto ocorre por segmentos tópicos, relacionados de maneira direta ou indireta com o tema geral ou tópico discursivo. Assim, a manutenção do tema se dá através dos processos de sinonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, pronominalizações, repetições, rotulações, nominalizações, mecanismos estes que atuam como reativadores de um tópico antes introduzido. Esses processos constituem, pois, a atividade de referenciação.

Segundo Koch e Penna (2006, p. 25), na constituição da memória discursiva estão envolvidas operações básicas de estratégias de referenciação, quais sejam: construção/ativação do objeto de discurso, em que há introdução de um objeto textual, sendo que a expressão linguística que o representa é evidenciada na memória de trabalho; desfocalização/desativação, quando um novo objeto é introduzido e passa a ocupar a posição focal; reconstrução/reactivação, quando há a reintrodução de um nóculo já presente na memória discursiva. Vejamos, abaixo, o que ainda se destaca acerca disso:

A reconstrução/reativação de “objetos” textuais parece ser, em grande parte, a responsável pela progressão textual. A manutenção tópica se dá, em um elevado número de casos, graças às formas nominais referenciais, pois são elas que melhor representam as escolhas a que os indivíduos procedem por ocasião da construção de objetos de discurso, a partir de conhecimentos pressupostos como partilhados e, portanto, da focalização de traços do referente que o locutor julgue de maior relevância para a categorização do objeto que pretende construir – o que implica uma certa manipulação do referente de acordo com suas crenças, atitudes e opiniões (KOCH; PENNA, 2006, p. 25).

A referenciação (ou, mais especificamente, os processos referenciais) colabora para a manutenção do estado de ativação do tópico discursivo e pode ser conceituada como a categorização advinda de práticas simbólicas e intersubjetivas, em que há a construção de objetos de discurso. São, portanto, resultado das negociações, modificações, sustentações de concepções individuais e coletivas; processos que se desenvolvem no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas complexas (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 22).

Tendo em vista a problemática, bastante complexa, da nomeação do mundo, ou melhor, de como a língua refere o mundo, vale destacar, consoante Mondada e Dubois (2003), que as categorias utilizadas para descrever o mundo são instáveis, variáveis e flexíveis; mudam sincrônica e diacronicamente, antes de serem estabilizadas normativa e historicamente. De sorte, os objetos de discurso são sensíveis à variação contextual:

O reconhecimento do objeto, mesmo dentro de sua compreensão “infralinguística”, não pode ser considerado como a extração de propriedades de um mundo já discretizado, mas como a construção de categorias flexíveis e instáveis, através dos processos complexos de categorização produzindo as categorias potencialmente memorizadas e lexicalizadas (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 35).

No entanto, essa instabilidade não deve ser confundida com incidência de caos ou desordem, pois que os objetos de discurso são entidades perpetradas pelos interactantes em suas relações socioculturais e discursivas, sendo, por conseguinte, atualizadas em seus contextos de uso e adequadas conforme as necessidades sociointerativas, como também argumentam Mondada e Dubois:

Isto não significa que as descrições são caóticas ou desordenadas: os sujeitos possuem estruturas cognitivas, notadamente memoriais, que permitem dar uma estabilidade a seu mundo, assim como procedimentos sistemáticos para organizar a co-construção dos objetos de discurso (2003, p. 40).

Ressaltamos, com isso, que os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação: a realidade é construída, mantida e alterada pela forma como nomeamos o mundo, mas, sobretudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele. Interpretamos e construímos nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural. Não são, nesse ínterim, autônomos, nem externos às práticas linguísticas.

Nesse contexto, o sujeito faz sua seleção linguística tendo em vista, tanto retórica quanto argumentativamente, a concretização de uma proposta de sentido. Sendo assim, ele se

utiliza de estratégias e formas de referenciação em função dos objetivos a serem alcançados, o que demanda a sistematização de mecanismos capazes de fazer com que, por meio da linguagem, da enunciação, do discurso, se possa chegar a uma realização.

Destacamos que a remissão textual, realizada principalmente através de descrições ou formas nominais, imprime aos enunciados em que está inserida, bem como no texto, orientações argumentativas que evidenciam a proposta enunciativa do seu locutor. A descrição nominal com função de categorização ou recategorização de referentes exige a escolha entre a multiplicidade de formas de caracterizar o objeto de discurso, sendo feita em determinado contexto e com intuítos específicos. Trata-se, neste caso, da ativação e reativação de conhecimentos partilhados culturalmente, o que possibilita ao interlocutor, formular uma imagem do locutor, viabilizando a detecção de informações relevantes sobre opiniões, crenças e atitudes do seu produtor, auxiliando na construção do sentido:

Assim, a interpretação de uma expressão referencial anafórica, nominal ou pronominal, consiste não simplesmente em localizar um segmento linguístico no texto (um “antecedente”) ou um objeto específico no mundo, mas, sim, algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva (KOCH, 2005, p. 35).

As recategorizações anafóricas, por sua vez, estão ligadas, ao teor argumentativo do texto, explicitando a posição adotada pelo locutor e/ou de outros enunciadores presentes no texto acerca do(s) objeto(s) construído(s). Os casos de recategorização anafórica podem ocorrer tanto com anáforas diretas, quanto com indiretas e em casos de encapsulamentos.

Conforme Marcuschi (2005, p. 55), pode-se dizer que “a anáfora é um fenômeno de semântica textual de natureza inferencial e não um simples processo de clonagem referencial”. Nesse sentido, não há uma classe de palavras tipicamente anafórica (como se supunha que fossem os pronomes), mas existe um processo de ativação e reativação de objetos de discurso, embasados na seleção lexical (semântica), em conhecimento de mundo (conceitual), em inferências fundadas no texto, que acontecem não da mesma maneira, nem sob as mesmas condições.

A anáfora direta ocorre quando há elementos que retomam expressões já introduzidas no texto, estabelecendo uma relação de co-referência entre a anáfora e o elemento precedente. Ao passo que a anáfora indireta pode ser caracterizada como a ativação de referentes novos, de modo que estes não estão explícitos no contexto e estão ancorados cognitivamente ou contextualmente, sendo, portanto, uma referenciação implícita. Consoante Marcuschi (2005), a anáfora indireta é geralmente constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto.

No tocante aos encapsulamentos, trata-se, por seu turno, da remissão textual utilizada na recategorização de segmentos precedentes ou subsequentes no contexto, de modo a resumir-los, encapsulando-os. Desempenham duas funções textuais importantes: rotulam parte do contexto que as precede e criam um novo referente textual, servindo de base para os enunciados subsequentes. Vejamos o que argumenta Koch:

Como formas de remissão a algo apresentado no texto ou sugerido pelo contexto, elas possibilitam sua ativação na memória do interlocutor, ou seja, a *alocação* na memória operacional deste; por outro lado, uma vez que operam uma refocalização da informação contextual, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa. Trata-se, pois, de formas híbridas,

simultaneamente referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras tanto de informação dada ou inferível quanto de informação nova (2005, p. 38-9).

A título de informação, abstrai-se que os encapsulamentos podem ter valor persuasivo, sendo rótulos avaliativos, frequentemente metafóricos, que têm o poder de orientar o interlocutor a determinadas conclusões.

Feito esse percurso por algumas teorias da Linguística de Texto, abarcando mais propriamente a fundamentação que nos dará suporte a seguir, quando traremos a análise, somos instigados a correlacionar, agora, teoria e filme a fim de interpretar os sentidos da materialidade do Anel naquele contexto.

3. Análise e discussão

Neste item, traremos considerações analíticas, por meio de dados qualitativos, que possibilitarão uma leitura da significação do Anel contemplado por cada uma das demandas que aparecem no filme. Ademais, tentaremos notar, como a seguir, de que forma o objeto de desejo se transforma em índice de discurso e, por extensão, de poder.

3.1 A construção do *Anel* como objeto de discurso

O Anel desempenha, na trama do filme *O Senhor dos Anéis: A sociedade do Anel*, um papel central, visto que é em torno dele que os personagens constroem seus discursos. O filme inicia-se com a narração sobre o surgimento e a forjadura dos Grandes Anéis, que foram distribuídos entre os povos da Terra Média. No entanto, um desses poderosos objetos fora forjado às escondidas por Sauron, o Senhor do Escuro, na Montanha da Perdição. E, neste anel em particular, foi depositado todo o mal, capaz de seduzir e governar todos os outros (tanto os anéis quanto os seres). Atentamos, então, para a apresentação referencial do Anel feita nessa introdução, nos minutos iniciais da película, na qual se explicita o surgimento dos anéis, porém individualizando um dentre estes: “[...] outro Anel foi feito. Na Montanha da Perdição, o Senhor do Escuro, Sauron, forjou em segredo um Anel Mestre para controlar todos os outros [...]. Um anel para dominar a todos (Parte 1; 00:01’:49”).

Observamos, no recorte acima, que algumas palavras utilizadas nesse discurso introdutório marcam a importância do Anel do Poder, são elas: *anel mestre*, *controlar* e *dominar*. Ressaltamos, também, a analogia possível entre o objeto em destaque e o poder como algo avassalador, não podendo ser possuído por seres de qualquer natureza – boa ou má. Essa carga semântica remete já ao caráter coercitivo e soberano do objeto, na medida em que, ao não poder ser possuído, torna-se possuidor: o Anel é quem exerce o poder.

O Anel forjado por Sauron lhe foi arrebatado/tomado na grande batalha ocorrida na Segunda Era. Os homens, mais especificamente o Rei de Gondor, Isildor, não conseguiu destruí-lo, por ter sido seduzido e, posteriormente, traído pelo mal que insurgiu do Anel. Após tal acontecimento, o objeto se perdeu: “A história se tornou lenda, a lenda se tornou mito e durante 2.500 anos o Anel ficou totalmente esquecido” (Parte 01; 00:05’:12”).

Além disso, o Anel tinha vontade própria e desejava se reencontrar com o seu dono. De sorte, foi parar sob os cuidados da mais improvável criatura: um hobbit. Bilbo, Bolseiro, o guardou por sessenta anos, tendo demonstrado resistência ao poder do mal. Ao descobrir tal

façanha, Gandalf, o cinzento (um poderoso mago), decide então lutar contra o intento do Anel e de Sauron: se reencontrarem para, juntos, assolarem a Terra Média.

Em um diálogo com Bilbo, Gandalf diz: “[...] Há muitos anéis mágicos neste mundo, Bilbo, Bolseiro. E nenhum deles deve ser usado à toa” (Parte 5; 00:20’:35”). Neste fragmento, observamos a importância dada aos anéis, através da reativação do seu poder, na memória discursiva das personagens, trazendo-os à baila na memória operacional. A dissociação do Anel do Poder dos demais demonstra sua posição fulcral na trama: “Atraídos para o poder do Um” (Parte 13; 00:57’:00”). Essa categorização do Anel (o Um) engloba as nomeações dadas a ele, servindo de base para os enunciados subsequentes. No diálogo posterior, entre Gandalf e Frodo (sobrinho e herdeiro de Bilbo), observamos que a remissão ao Anel é feita de maneira direta, vejamos:

- São uma coisa só: o Anel e o Senhor do Escuro. Frodo, ele nunca deve encontrá-lo.
- Tudo bem, então vamos escondê-lo onde ninguém jamais possa achar. Jamais falaremos dele novamente. Ninguém sabe que está aqui, não é? Não é, Gandalf? (Parte 8; 00:32’:52”).

Ressaltamos, no recorte acima, que Frodo tenta negar a existência do Anel enquanto objeto de discurso, no entanto, isso não é possível, visto que ocorre a reativação desse referente que estava submerso na memória discursiva das personagens. Desse modo, o objeto de discurso *Anel* é reconstruído sob o viés da memória e de sua reativação no contexto interacional entre os sujeitos. Essa interação se dá sob a forma de luta e resistência com o mal emergente e com seu poder latente e prestes a se insurgir.

3.2 A categorização/recategorização do Anel: do desejo de detenção do poder à Sociedade do Anel

A categorização do Anel é feita, no decorrer da trama, sob dois vieses: Os conjurados de Sauron *versus* os membros da Sociedade do Anel. É possível observar que, no tocante à vertente que deseja o Anel para dominar e assolar a Terra Média, o objeto é recategorizado como algo tentador, iminente. Isso fica evidente na retomada direta feita por Góllun, por Bilbo e ainda no relato feito por Isildor, ao renomeá-lo como *precioso*.

A anáfora direta ocorre também nos casos em que os sujeitos relutam em se desvencilhar do Anel, admitindo-o como um pertence ao qual todos queriam ter acesso. Vejamos as falas seguintes, proferidas por Bilbo: “– É meu! Eu o achei! Ele veio a mim. É meu! Todo meu, meu precioso (Parte 5; 00:21’:50”). Atentamos, aqui, para a utilização dos pronomes possessivos que retomam de forma direta o objeto de discurso, demonstrando, nesse ensejo, a sujeição da posse (Bilbo, Bolseiro) pelo possuidor, o Anel.

Mesmo sendo um componente da Sociedade do Anel, Boromir referencia o Anel como algo necessário: “Você carrega o destino de todos nós. Se essa é a vontade desse conselho, Gondor participará” (Parte 23; 1:32’:25”). Ao recategorizar o objeto como “*o destino de todos nós*”, Boromir evidencia sua importância, considerando-o algo ligado às suas próprias existências, de modo que a utilização da partícula “se” nos faz inferir que a orientação argumentativa adotada por ele é diversa da dos demais componentes da demanda.

No que concerne à recategorização do Anel feita pela comitiva do bem, é relevante esclarecer que o objeto de discurso é referido com o intuito de distanciá-lo de Sauron, além

disso, o Anel é visto como símbolo de poder e, por isso, deve ser destruído (uma evidência de que, para destruir o poder, deve-se usar do contrapoder, do contradiscurso). Assim, sua remissão acontece muitas vezes sob a forma da anáfora indireta. Isso evidencia a ativação de novos referentes, ancorando a simbologia do poder do Anel em especificações diversas, bem como a continuação da relação referencial global da película:

(1) – Tem que ser mais cuidadoso. Está carregando uma *coisa muito valiosa* (Parte 12; 00:54':29"). [grifos nossos]

(2) – *Este perigo* ameaça toda a Terra Média. Precisamos todos decidir agora como acabar com ele (Parte 20; 1:20':49"). [grifos nossos]

(3) – *A perda da humanidade*. [...] Este é um presente aos inimigos de Mordor. Por que não usamos este Anel? (Parte 23; 01:27':28"). [grifos nossos]

Vale considerar que as inferências feitas a partir dos trechos em destaque explicitam uma reconfiguração do significado do Anel. Quando referido pelo eixo do bem, ele figura como uma ameaça poderosa, devendo, por isso, ser destruído (1,2). Consideramos também que a ativação do objeto de discurso induz a uma determinada orientação argumentativa. Ao observarmos a fala de Boromir (3), é perceptível sua tendência a fazer uso do poder do Anel, de maneira contrária ao intento dos seus companheiros. A recategorização é, então, modificada no seio da interação discursiva dentro de um sistema de ativação/reactivação do objeto de discurso.

Logo após a formação da Sociedade do Anel, Gandalf tenta encorajar Frodo a aceitar o seu destino, dizendo: “Eu o ajudarei com esse fardo, Frodo, Bolseiro, enquanto tiver que carregá-lo (Parte 23; 01:31':51"). Observamos, neste trecho, que o Anel do Poder é recategorizado como algo negativo – *esse fardo* – revelando que a orientação argumentativa adotada pela demanda é de algo sinistro e perigoso, sendo, portanto, evidenciada a necessária destruição do objeto de poder.

Considerações finais

De um ponto de vista retrospectivo, vemos que, neste trabalho, consideramos a construção/reconstrução dos objetos de discurso a partir da discursivização ou textualização do mundo, sendo que tais objetos de discurso devem ser concebidos como produtos essencialmente culturais, construídos por meio da atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes. Sob este viés, entendemos que os processos referenciais são emoldurados pelas necessidades dos falantes, através das negociações entre eles, em situação de interação.

Atentamos mais uma vez para a seleção do *corpus* analítico, o filme *O Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel*, por ser uma trama complexa, em que os temas estão imbricados. Direcionamos nossa análise para a observação e apreciação da recategorização referencial, no tocante à construção do objeto de discurso *anel* (posto a sua analogia com o poder), ao longo da película, observando as duas vertentes que direcionam a trama: o bem, emoldurado pelos componentes da Sociedade do Anel; e o mal, liderado por Sauron.

Julgamos, enfim, que as formas de recategorização do *Anel* como objeto de discurso se dá de maneiras diferentes, devido aos interesses argumentativos de cada grupo ao desejar

possuir e/ou destruir o objeto. No que se refere à vertente que aspira ao Anel com um intuito maléfico, ele é recategorizado, como notamos, como algo tentador, essencial, que exerce uma sedução que lhe é imanente e da qual não se pode escapar. Contudo, quando a recategorização é feita pelos componentes da Sociedade do Anel, observa-se o intuito de distanciamento e destruição, pois que o Anel é entendido como algo nefasto e ameaçador, que exerce o controle, a dominação e o medo.

Por fim, entendemos que o objetivo do trabalho foi alcançado, e a hipótese, confirmada, pois a construção/reconstrução do *Anel* como objeto de discurso se dá no seio das interações sociocognitivas, de modo que a categorização/recategorização do *poder* neste filme acontece de maneiras distintas, à proporção que se tem em vista os eixos argumentativos que norteiam o enredo.

Referências bibliográficas

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 53-84.

JESUS, Nicaelle Viturino dos Santos de. *O olho vigilante, a vontade de poder e a significação mítica em O senhor dos anéis: a sociedade do anel*. TCC (Graduação em Letras). Universidade Federal de Sergipe, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 32-52.

KOCH, Ingedore G. Villaça; PENNA, Maria Angélica de Oliveira. Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. nº 1, Campinas/SP, 2006, p. 23-31.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

NAZARIO, Luiz. Pós-modernismo e cinema. In: GUINZBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (Orgs.). *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 339-390.

SILVA, Oliveira Franklin; FILHO, Valdinar Custódio. O Caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria de. (Orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 59-85.

Ficha técnica do filme:

Direção: Peter Jackson.

Título original: *Lord of the rings: The Fellowship of the Ring*.

País de origem: USA/ Nova Zelândia.

Ano de lançamento nos cinemas: 2001

Duração: 178 min.